

# O Pessoal da Velha Guarda

## Programa No. 10

Transcrito por Alexandre Dias



*Ernesto Nazareth*

**3-3-1948**

([Collector's](#) AER026 Lado B)

**Locutor:** É comum as mães dizerem que os professores não devem obrigar seus filhos a estudos intensos, porque eles andam com o cérebro cansado. Esse comentário é contraproducente e ilógico. O que elas deve fazer é procurar um medicamento para restaurar as energias das crianças, devolvendo a seu cérebros o fósforo perdido. Iofoscal® contém o fósforo necessário para reabilitar o cérebro cansado. Contém iodo para enriquecer o sangue anêmico, contém cálcio para fortalecer os ossos. Iofoscal® é o fortificante ideal. Iofoscal®!

**Almirante:** Boa noite, ouvintes de todo o Brasil! Boa noite amigos incondicionais da Velha Guarda, o que equivale a dizer amigos incondicionais das nossas coisas, da nossa terra, da nossa gente. No início de mais esta audição brasileiríssima, quero dizer uma rápida palavra sobre as declarações do grande patricio maestro Villa-Lobos em Londres. Numa recepção em que

foi o convidado de honra, Villa-Lobos falou do seu grande sonho: a pacificação do mundo por intermédio da música. Seria de fato uma realização grandiosa. Mas é bom que a gente considere que a música é mesmo uma linguagem universal. E como a língua foge ao imperativo do sotaque, este em música pode se dizer que é o ritmo, não é mesmo?

A gente reconhece um estrangeiro pela fala, e pelo sotaque a gente identifica o seu país de origem. Se tal sonho de Villa-Lobos se realizar, Oxalá não haja o predomínio de forma musical peculiar em um país. A grande pacificação poderia ser feita de maneira que todos os povos identificassem os demais pelas suas canções, pelas suas músicas nativas. Nesse caso, cada país deveria se empenhar para que bom número de suas canções atravessasse todas as fronteiras, levando os outros povos a certeza de sua existência, e o meio de reconhecer suas criaturas. Mas tais músicas deveriam ter penetração nas massas, e para isso, ouvintes, só mesmo a música popular. Envidemos, pois, esforços desde já, para que nossas músicas sejam conhecidas em todo o mundo, e um dia, quando um viajante brasileiro chegar aos mais longínquos países, não precisará dizer de boca, com palavras, a sua nacionalidade, bastará assobiar ou cantarolar uns poucos compassos de o “Tico-Tico no Fubá”, ou do “Carinhoso”, ou do “Copacabana”, e todos saberão que ali está um patricio nosso.

E há quem há muito esteja se empenhando para que esse ideal seja alcançado, ouvintes, somos nós aqui do *Pessoal da Velha Guarda*. Isso já é motivo bastante para que vocês aplaudam com mais vigor hoje o Pixinguinha! O Benedito Lacerda com o seu regional! Raul de Barros e o Grupo dos Chorões! E a Orquestra toda formada do Pessoal da Velha Guarda!

Uma boa música é o melhor cartão de visitas de um compositor. Esta é a razão por quê muitas vezes, para apresentar uma música menos conhecida de um determinado autor, fazemos com que vocês se lembrem de alguma outra do

mesmo autor e que tenha sido um autêntico sucesso. Sabendo que certa composição deve-se a um indivíduo que já teve músicas de grande popularidade, o ouvinte fica naturalmente com o seu estado de receptividade em boa predisposição.

A música que abriu este comentário aqui, aquela famosa “Flausina”, que tinha esses versos: *Anda vem cá, vem ver meu pobre coração como está* é o cartão de visitas do autor da peça que vai também abrir o programa de hoje. Mas se nós quiséssemos, nós poderíamos usar outro cartão de visitas para o mesmo autor, como a sua xóti que foi célebre, aquela que se cantava com os versos *Quando na luz desses seus olhos de veludo*, lembram? Pois o autor que produziu tais maravilhas nunca poderia ter sido medíocre na certa. Eis por quê vocês devem agora apreciar bem para sentir também bem toda a beleza de uma polca-choro daquele mesmo Pedro Galdino, e que aqui vai ser apresentada pela orquestra do Pessoal da Velha Guarda num novo arranjo de Pixinguinha. Trata-se de “Jocosa”, quem tem na melodia e no ritmo toda a justificativa de seu nome: “Jocosa”.

### Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “Jocosa” (Pedro Galdino)

[violão tocando a introdução do “Brejeiro”]

**Almirante:** Nazareth foi de fato uma expressão da nossa música popular. A melhor prova disso está no fato de inúmeras de suas obras terem vencido a indiferença e a força dos tempos, tornando-se em cada época tão atuais como as músicas mais modernas e mais em voga. Um bom exemplo disso é o velho tango “Brejeiro”, que tem atravessado anos e anos em situação de decidido destaque perdurando incólume, enquanto outras músicas mais novas vão momentaneamente ao pináculo da fama, mas também não tardam logo em cair no mais completo esquecimento.

Usar, pois, o “Brejeiro” em qualquer audição radiofônica equivale a estar apresentando uma música sempre nova. Entretanto, se a melodia conseguiu-se manter assim até hoje, tão fresca e jovem, o mesmo não se deu com os versos que recebeu de Catulo. Versos que se denominaram “Sertanejo Enamorado”, e que muitos indicavam somente por “Ai Ladrãozinho”. É isso que o Pessoal da Velha Guarda vai lembrar agora, o tango brasileiro de Nazareth, com os primitivos versos de Catulo da Paixão Cearense, que lhe valeram o nome de “Sertanejo Enamorado”.

Onéssimo Gomes e Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “**Brejeiro**” [O Sertanejo Enamorado] (Ernesto Nazareth/Catulo da Paixão Cearense)

*Les Batutás! Les Batutás!*

**Almirante:** *Les Batutás!* Era assim, ouvintes, com esses gritos insistentes que a platéia parisiense exigia no cabaré Shéhérazade, a presença no palco de um grupo típico brasileiro que ali esteve em 1921.\* Chamava-se o grupo Os Oito Batutas. E foi o conjunto de nossa terra que maior consagração recebeu por aqueles tempos na velha Europa. O Maxixe andava em moda, e o bailarino Duque era então o homem do dia na capital francesa. A ida dos Oito Batutas a Paris contribuiu para uma feliz movimentação em torno do nome do Brasil, nome que aqueles músicos, como embaixadores sonoros de nossa terra, conseguiram elevar de maneira honrosa para nós.

Para apresentar seus companheiros, para abrir seus espetáculos, o grupo atacava sempre um choro da autoria do Pixinguinha e que tomou o nome do conjunto: “Os Oito Batutas”. O choro é uma página vibrante de entusiasmo. E vocês que o vão ouvir em seguida, pela flauta do Benedito e pelo Saxofone do Pixinga, poderão avaliar pela sua melodia e pelo seu ritmo gostosíssimo como não dançariam os franceses nas cadeiras do Scheherazade todas as noites quando Os Batutas iniciavam a sua execução.

*Les Batutás! Les Batutás!*

Pixinguinha, Benedito Lacerda e Regional: “**Os Oito Batutas**” (Pixinguinha)

*Olá seu Nicolau, você quer mingau?*

**Almirante:** Eis aí ouvintes, uma frase que foi coqueluche nesse Rio de Janeiro. Foi disso tão ou mais popular que muitos que surgem hoje em dia, e que logo se propagam. Parece que ela nasceu de uma cançoneta, de um tal Frederico Júnior, de quem infelizmente não consegui até hoje a menor informação. Provavelmente a cançoneta pertenceu a alguma peça teatral, e dali caiu no domínio público. Depois de popularizada, tornou-se até dobrado militar, tendo sido número infalível no repertório de nossas bandas. *O Pessoal da Velha Guarda* foi desencavar a conhecida cançoneta, e ela aqui vai ser lembrada de duas formas bem diversas: uma só cantada com o Grupo de Chorões, e a outra logo em seguida, tocada pela orquestra num arranjo especial de Pixinguinha. A terceira parte, vocês ouvirão, é uma adaptação que seu autor Frederico Júnior fez de uma valsa popularíssima naquele tempo, e que aqui todos conheciam, creio que como “A Borboleta Gentil”, vocês vão ouvi-la e vão reconhecê-la imediatamente. Atenção pois para a velhíssima cançoneta “Olá Seu Nicolau, Quer Mingau?”.

Almirante, Grupo de Chorões, e Orquestra Pessoal da Velha Guarda: “**Olá Seu Nicolau, Quer Mingau?**” (Frederico Júnior)

[“Naquele Tempo” ao fundo]

**Almirante:** Depois de número tão alegre e vivo, um pouco da tristeza que sempre temperou nossa música popular. Um pouco de saudade não faz mal a ninguém, principalmente quando esse sentimento é despertado pelo encanto de músicas muito nossas, muito brasileiras. Benedito e Pixinguinha trazem agora para vocês um choro que se pode classificar como impregnado de

fatalismo. Pelo menos é o que se deduz de seu título: “Vou Vivendo”. Há nesse título um indiferentismo verdadeiramente heróico: *Vou vivendo...* Mas há nele também uma sublime preocupação: *Vou vivendo*. Eis aí uma frase bem achada, que serve de resposta para aqueles que estejam nos mais diversos estados d’alma. Um triste que deva responder ao nosso *Como vai?* diria em tom de voz desconsolado: *Vou vivendo...* Um cada alegre, bem de vida, que deva nos responder ao mesmo *Como vai?*, dirá já com a inflexão de quem vai mesmo muito bem *Vou vivendo!* A execução de Benedito e de Pixinguinha nesse choro tende para o sentimentalismo e para o fatalismo. Eis por quê vocês do auditório perceberão em ambos em certos trechos, um dar de ombros que significa o desconsolo do triste respondendo “Vou Vivendo”...

#### **Pixinguinha e Benedito Lacerda: “Vou Vivendo” (Pixinguinha)**

**Almirante:** Pixinguinha, esse imenso chorão que é o nosso companheiro da Velha Guarda, esse impressionante negro, que é uma glória autêntica da música popular de nossa terra, há muito que trocou a flauta pelo saxofone. Se na flauta ele já fazia misérias, imaginem agora o que ele não tem feito no saxofone que ele domina com segurança absoluta, hein? Uma curiosidade no Pixinguinha como saxofonista está na incrível faculdade que ele tem para improvisar, para cercar de harmonias, imprevistas mas cheias de beleza, o fio de melodias que outros instrumentos desenvolvem.

Geralmente é o que ele faz quando toca somente com o Benedito, mas agora queremos que vocês o apreciem mais destacadamente, e para isso vamos usar uma célebre valsa brasileira, a famosa “Saudades de Ouro Preto” de Balduino Rodrigues do Nascimento. A valsa será executada pela orquestra, e durante a execução, vocês ouvirão o saxofone do Pixinga em contracantos curiosíssimos e todos de improviso. Vale ressaltar no arranjo a terceira parte, para solo de pistom, para o Moura, com o restante da orquestra imitando uma sanfona de roça. Atenção, pois, em ação o grande Pixinguinha!

Pixinguinha e Orquestra: **“Saudades de Ouro Preto”** (Balduino Rodrigues do Nascimento)

\* O ano foi 1922.

<http://daniellathompson.com/Texts/Pessoal/peessoal10.htm>